

PER SAECULA SAECULORUM:
CONSIDERAÇÕES SOBRE O CRISTIANISMO E O LATIM

*Ricardo Tupiniquim Ramos (UNEB)*¹

À saudosa memória de Nestor Dockhorn

Nesta comunicação, pretendemos refletir sobre alguns aspectos da relação entre o latim e sua sócio-história e a religião cristã, sobretudo em sua versão católica romana, que tem na antiga língua do Lácio seu idioma oficial. Só esse fato já estabelece conexões entre os temas das reflexões que se seguem.

Antes de começar a expô-las, registre-se que não se objetiva aqui rever a história do cristianismo (para maior aprofundamento, recomenda-se a leitura de obras especializadas na área), muito menos solucionar algumas atuais polêmicas em torno de uma temática que, embora nos desperte interesse pessoal na esfera da pesquisa, nos é alheia na da fé, na medida em que professamos um credo religioso não cristão.

Como se sabe, a língua usada por Jesus em Seu curtíssimo ministério era o aramaico. A partir do relato dos evangelhos, presume-se, também, que ele deveria saber ler em hebraico, língua litúrgica do Judaísmo, dentro de cujo ambiente cultural Ele nasceu e foi criado. Contudo, após Sua partida deste mundo, a difusão de Sua mensagem foi feita por Seus apóstolos provavelmente em grego, língua veicular da área oriental do Império Romano, na qual foi escrito o Novo Testamento; portanto, a primeira língua do cristianismo.

Contudo, à medida que a mensagem cristã era difundida em todas as áreas do Império, inclusive na capital, Roma, o grego foi paulatinamente perdendo terreno para o latim, que passou a figurar

¹ Licenciado em Letras Vernáculas com Inglês pela Universidade Católica do Salvador (UC-Sal), Mestre e Doutor em Letras pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), Professor-Assistente da UNEB e Sócio do Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos (CIEFIL).

nos tratados dos chamados padres apologistas, entre os quais Tertuliano (163-230), o pai da teologia latina, já citado.

A institucionalização do cristianismo e a posterior proibição de outros cultos levaram à substituição do grego pelo latim na área ocidental do Império: “Com isto abre-se um dos caminhos que permitiram ao latim conservar, através de toda a Idade Média até o presente, vida e vitalidade, pelo menos para um número significativo de pessoas” (STÖRIG, 1994, p. 87). Contudo, o grego ainda hoje é usado como língua litúrgica por comunidades cristãs ortodoxas gregas, em rito próprio. Mas o que vem a ser rito? Segundo Arinze (2006),

A medida que a Igreja se difundia e crescia entre os povos e culturas diversas, foram desenvolvidos diversos modos para celebrar os mistérios de Cristo. Podemos individualizar quatro ritos originários: antioquiano, alexandrino, romano e galicano. Estes deram vida a novos ritos principais na atual Igreja Católica: na Igreja latina, domina o rito romano e entre as igrejas orientais, encontramos o rito bizantino, armênio, caldeu, copto, etíope, malabar, maronita e siriano. Cada rito representa uma composição de liturgia, teologia, espiritualidade e direito canônico. As características fundamentais de cada rito remontam aos primeiros séculos, aos traços essenciais da era apostólica se não mesmo à época de nosso Senhor. [...]

O rito romano se difundiu amplamente naquela que hoje chamamos Europa ocidental e nos continentes evangelizados em geral por missionários europeus na Ásia, África e Oceania. Hoje, com uma mais fácil circulação das pessoas, há católicos de outros ritos (chamadas de um modo geral Igrejas orientais) em todos estes continentes. [...]

O rito romano tem o latim como língua oficial. As edições típicas dos seus livros litúrgicos foram sempre publicadas em latim até hoje.

Chegamos a um ponto em que se faz mister distinguir alguns conceitos de inspiração sociolinguística, aplicáveis à compreensão da trajetória histórica da língua latina e à sua relação com o cristianismo:

a) latim vulgar – a língua viva, falada por toda a população romana durante o período da romanidade (século VIII a.C. ao século V d.C.); origem das línguas românicas, era dotado de uma grande diversidade:

- diacrônica ou geracional – o latim falado no século II a.C. não era o mesmo de um século antes nem ao de um século depois;

- diatópica ou regional – cada província tinha a sua própria variedade (*sermo*) de latim falado; assim, em oposição ao *sermo urbanus* (da capital, origem do latim clássico), havia o *italicus* (da Península Itálica), o *raethicus* (Récia), o *gallicus* (Gália), o *ibericus* (Península Ibérica), o *sardinicus* (Sardenha), o *dalmaticus* (Dalmácia), o *dacicus* (Dácia);

- diastrática ou social – a um *sermo familiaris* – variante mais tensa, utilizada “pelas classes cultas de Roma, certamente correto do ponto de vista gramatical, mas sem os refinamentos e a estilização da variável literária” (BASSETO, 2001, p. 92) – opunha-se um *sermo plebeius, vulgaris* ou *popularis* – variante menos tensa, usada pela grande massa popular socialmente desfavorecida e em geral analfabeta ou pouco escolarizada – dotado de inúmeras variantes, sobretudo lexicais, conforme o modo de vida do falante, nele distinguindo-se um *sermo: rusticus* (da população do campo), *castrensis* ou *militaris* (dos soldados), *nauticus* (a dos marinheiros), etc.

- diafásica ou situacional – um senador romano não dialogava com a esposa como o fazia com os filhos, nem com estes como o fazia com um criado ou escravo ou com um colega no Senado; lá não falava como o fazia em casa ou no mercado. Textos de Cícero mostram que ele não escrevia a um parente ou amigo residente em outra cidade do mesmo modo que o fazia num discurso político, projeto de lei ou texto literário. Isto demonstra que, como as línguas atuais, o latim tinha uso variável condicionado pela situação comunicativa.

b) latim clássico ou literário – variedade empregada pelos escritores clássicos romanos em seu fazer literário e fonte da norma codificada nas gramáticas. Ao longo dos onze séculos de duração da civilização romana, essa variedade da língua escrita pouco variou; dela derivam os dois próximos conceitos.

c) latim cristão – é o latim adotado pelos primeiros cristãos na propagação de sua fé em todas as províncias do Império; é nele que São Jerônimo (345-420) fez sua celebre tradução da Bíblia, a *Vulgata*.

Com vários empréstimos lexicais ao grego e hebraico, na morfossintaxe, inicialmente, era mais próximo ao latim vulgar, já

que dirigido de estrangeiros analfabetos em latim para pessoas de baixa condição social e igualmente iletradas.

Disseminado em meio ao povo, o latim cristão influenciou a formação de inúmeras línguas modernas, como o português, conforme demonstramos alhures (RAMOS, 2010), e mesmo não românicas, como demonstra Arczyńska (2000).

Contudo, à medida que se foram convertendo indivíduos de maior prestígio social, o latim cristão foi se alterando a ponto de, no século IV, ser base da escrita de tratados filosóficos e teológicos, assumindo uma feição muito próxima ao latim clássico, o latim eclesiástico.

d) latim eclesiástico² – embora com traços fonéticos e morfosintáticos um tanto distintos do latim literário, é uma continuação dele no que “tinha de mais útil e necessário para a expressão da nova mentalidade cristã [...], além de enriquecido pela contribuição grega e popular” (BASSETTO, 2001, p. 172), ou seja, do latim cristão. Oficialmente adotado pela Igreja desde os fins do século II, sob Vitor I, permaneceu como língua ritual de toda a cristandade até a Renascença e, mesmo depois dela, ainda que passando a sofrer a concorrência das línguas modernas. Não se o confunde com o latim vulgar, porque este era falado e se fragmentou em diversos dialetos regionais, origem das línguas românicas, enquanto ele permaneceu quase invariável, na escrita.

Não se pode precisar até quando o povo conseguiu entender esse latim usado nas funções religiosas, inclusive nas homilias e sermões. Com base na máxima de Santo Agostinho de que *Melhor est reprehendant grammatici quam non interlligant populi* “é melhor ser repreendido pelos gramáticos do que não ser entendido pelo

² Bassetto (2001) defende a existência de um latim medieval ou latim profano, também derivado do latim literário, oposto ao eclesiástico pela temática não religiosa dos textos que registrava (história, medicina, matemática, jurisprudência, filosofia, crônicas, narrativas etc.). Além disso, podemos nos referir à existência de um latim bárbaro ou cartorial, a língua da escrita cartorial durante toda a Idade Média até a oficialização das línguas modernas, em cada país. Calcado no latim eclesiástico e no influxo dos diferentes romances, em cada região, essa modalidade escrita de latim se compunha de fórmulas cristalizadas, a que os funcionários obrigados apenas preenchiam lacunas com os dados do específico documento que redigiam, muitas vezes sem ter consciência de seu conteúdo.

povo' (AGOSTINHO, *apud* TAGLIAVINI, 1969, p. 214), muitos sacerdotes já usavam a língua materna de seus fiéis (qualquer que fosse) nas prédicas. Contudo, isto só se tornou oficial com o Concílio de Tours, do ano 813, cujo artigo 17 determina:

Visum est unanimitati nostrae ut quilibet episcopus habeat omelias continentes necessarias ammonitones, quibus subiecti erudiantur... Et ut easdem omelias quisque aperte transferre studeat in rusticam Romanam linguam aut Thiocticam, quo facilis cuncti possint intelligere quae dicuntur.

A todos nós pareceu necessário que cada bispo faça homilias que contenham os ensinamentos indispensáveis com os quais os fiéis sejam instruídos... E que cada um procure traduzir com clareza essas homilias para a rústica língua romana ou teodisca, de modo que todos possam compreender mais facilmente o que se diz. (CONCÍLIO DE TOURS, 813, *apud* BASSETTO, 2001, p. 173)

Assim, podemos inferir que, já no início do século IX, aproximadamente quatro séculos após o fim do período da romanidade, o latim já não era entendido pelo povo.

A despeito disso, ele continuou língua oficial de toda a Cristandade até o século XVI, quando das reformas protestantes. Entre outras reformas, Lutero traduziu a Bíblia em alemão e simplificou os ritos nessa língua, no que foi seguido por outros reformadores. Como uma reação, o Concílio de Trento (1545-1563) reafirmou a sacralidade da língua latina e sua primazia na Igreja Católica, preservando a celebração de outros ritos católicos, de tradição secular ou milenar, apenas em suas dioceses originárias, situação essa de até os nossos dias.

Todavia, o cultivo do latim como língua litúrgica e, deste modo, sua manutenção, não teve importância somente para a vida eclesiástica. Isto porque, no Medievo, a partir do uso eclesiástico, tornou-se o latim a base da língua de cultura letrada – dos tratados filosóficos e científicos – europeia:

Considerado horizontalmente, ou seja, segundo sua área de domínio, ela abrange uma região ainda maior que o latim da Antiguidade tardia: [...] da Irlanda, a oeste, até a Hungria e a Polônia a leste, da Sicília e do sul da Espanha [...] até a Escandinávia. [...] O pensamento dos grandes cérebros da Idade Média operou por séculos em latim e se fixou em obras escritas em língua latina. Deste modo, o latim se aprimorou, tornando-se mais racional, mais abstrato, mais idôneo para exprimir matizes sutis dentro de uma rigorosa lógica, ao mesmo tempo em que se enriqueceu

lexicalmente, graças a um crescente número de traduções de inúmeras palavras gregas e árabes. (STÖRIG, 1994, p. 88).

Um primeiro estímulo para esse processo foi, sem dúvidas, o movimento impulsionado no reinado de Carlos Magno e, por isso mesmo conhecido por Renascimento Carolíngio. Chamados à corte, eruditos da Inglaterra e da Itália depuraram o latim escrito de vários elementos da fala, chamados vulgarismos, reintroduzindo os autores clássicos da Antiguidade romana como modelos de escrita.

Um segundo estímulo, já da Baixa Idade Média, veio com o Humanismo, movimento espiritual e artístico que, partindo da Itália, se estendeu por todo o Ocidente, influenciando as universidades, emergentes a partir do século XII, principalmente as de Bolonha, Oxford e Paris, onde o latim era a língua de ensino e de pensamento, o que lhe conferia uma unidade, na modalidade escrita, em todo o Ocidente europeu.

Assim, sobretudo, ao longo da Idade Média e da Moderna – mas também na contemporânea até pelo menos o primeiro quartel do século XX, quando foi substituído pelo inglês – o latim foi a língua da intelectualidade europeia: “*Grosso modo*, [...] todas as obras importantes da Filosofia e da Ciência, entre 800 e 1700, em todo o Ocidente, foram escritas em latim” (STÖRIG, 1994, p. 89); por exemplo:

Quadro 1: Exemplos de obras filosóficas e científicas da era moderna escritas em latim

TÍTULO DA OBRA (TRADUÇÃO)	AUTOR	ANO
<i>De revolutionibus orbium coelestium</i> ('Sobre as revoluções das esferas celestes')	Nicolau Copérnico	1534
<i>De humanis corporis fabrica libri septem</i> ('Sete livros a respeito da construção artística do corpo humano', base da anatomia moderna)	André Vesalius	1543
<i>De magnete magnetique corporibus et de magno magnete tellure</i> ('Sobre os magnetos, os corpos magnéticos e o grande magneto Terra', um dos primeiros trabalhos sobre magnetismo e eletricidade)	William Gilbert	1600
<i>Mysterium cosmographicum</i> e <i>Harmonices mundi</i> ('Mistério cosmográfico' e 'Harmonia do mundo', respectivamente)	Johannes Kepler	1619
<i>De motu cordis et sanguinis in animalibus</i> ('Sobre o movimento do coração e do sangue nos animais'), primeiro tratado sobre o sistema a circulação sanguínea	William Harvey	1628
<i>Instauratio magna</i> ('A grande revolução', obra inacabada, base da ciência empírica)	Francis Bacon	1629
<i>Orbis sensualium pictus...</i> ('O mundo visível em imagens...'), obra inovadora da pedagogia, base da educação até o século XIX	Johann Amos Comenius	1658
<i>Ethica, ordine geometrico demonstrata</i> ('A ética demonstrada geometricamente')	Baruch de Spinoza	1677
<i>Philosophiae naturalis principis mathematica</i> ('Fundamentos matemáticos da filosofia natural')	Isaac Newton	1687
<i>Systema naturae</i> ('Sistema da natureza'), base do sistema internacional de classificação das espécies biológicas	Carl Von Linné	1735

Segundo Störig (1994, p. 90), no final do século XVIII, “com o revigoramento do sentimento nacionalista, o monopólio do latim

no mundo científico se viu, em primeiro lugar, minado e depois definitivamente destruído”. Ainda assim, mesmo hoje, algumas instituições acadêmicas europeias não só permitem aos estudantes de Mestrado e Doutorado apresentar suas dissertações e teses em latim, como também emitem seus diplomas nessa língua. E há mesmo um registro curioso sobre o latim no meio acadêmico chinês: “Fiquei admirado, quando da minha primeira visita à China, de receber cópias de trabalhos apresentados na Academia de Ciência: no fim, continham um resumo em latim!” (BALLARIN, 1995, p. 27)

O latim litúrgico católico serviu aos empreendimentos coloniais das nações católicas europeias na América, Ásia e África ao longo de toda a modernidade, bem como à diplomacia, nesta só sendo substituído pelo francês e pelo inglês no século XIX, ou seja, em pleno início da Contemporaneidade.

Calcado no latim eclesiástico, o chamado latim contemporâneo ainda se vê associado à cultura intelectual. Serve de fonte de criação de terminologia filosófica, científica e midiática em inúmeras partes do mundo; é difundido por meios de comunicação, como a Internet ou a Rádio Nacional da Finlândia que transmite uma programação diária nessa língua, ou a Rádio Vaticana, um dos órgãos oficiais da mídia papal desde 1931.

Podemos esquematizar os diferentes conceitos de latim explicitados até este momento do texto da seguinte forma:

Esquema 1:



No início da década de 1960, o papa João XXIII deu um importante passo para a história da Igreja Católica, convocando o Con-

cílio Vaticano II para tratar apenas de questões pastorais. Com sua morte, seu sucessor, Paulo VI, deu continuidade ao trabalho. Disso resultaram algumas reformas de inspiração progressista, atenuantes do tom conservador da Igreja, recolocando-a, *mutatis mutandis*, nos trilhos da história contemporânea. Entre as reformas implementadas, consta uma novidade sobre a língua litúrgica: "O uso da língua latina, salvo direito particular, será conservado nos ritos latinos" (*Sacri-ossantum Consilium*, 36).

Alguns meses após o término do concílio, diversas dioceses ao redor do mundo passaram a pedir autorização ao Vaticano para a celebração do rito romano em língua nacional ou vulgar (como preferem os documentos oficiais da Santa Sé), propondo-lhe e aprovando traduções oficiais do *Missale Romanum* de João XXIII. Como se vê, o "salvo", serviu de brecha para a implantação do vernáculo na liturgia, anulando, praticamente, o disposto no mesmo artigo. Assim, em nome de um melhor entendimento para o progressivo desenvolvimento do espírito cristão, na prática, a exceção tornou-se regra e esta foi completamente anulada.

Contudo, após inúmeras controvérsias, o próprio Concílio Vaticano II acabou por reformar o rito romano, que passou a contar com duas formas, conforme esclarece o próprio papa Bento XVI em carta aos bispos do mundo:

[...] o Missal publicado por Paulo VI, e reeditado em duas sucessivas edições por João Paulo II, obviamente é e permanece a Forma normal – a Forma ordinária – da Liturgia Eucarística. A última versão do *Missale Romanum*, anterior ao Concílio, que foi publicada sob a autoridade do Papa João XXIII em 1962 e utilizada durante o Concílio, poderá, por sua vez, ser usada como forma extraordinária da celebração litúrgica. Não é apropriado falar destas duas versões do Missal Romano como se fossem "dois ritos". Trata-se, antes, de um duplo uso do único e mesmo rito. (BENTO XVI, *apud* AQUINO, 2007)

Assim, o rito romano é hoje celebrado, por exemplo, no Brasil, em língua portuguesa, em sua forma extraordinária, já que a forma ordinária – estabelecida durante o Concílio Vaticano II, nunca foi traduzida em nosso vernáculo.

A decisão da Igreja em manter o latim como língua litúrgica é justificada por alguns argumentos, alguns dos quais não tão aceitáveis, como se verá. Assim, entre as razões apontadas na Constituição

Apostólica *Veterum Sapientiae* (A sabedoria dos antigos) de João XXIII constam:

1) sua neutralidade perante a cristandade católica do mundo, visto não ser o latim idioma vernáculo de nenhum povo na atualidade;

2) sua “nobreza de estrutura léxica” e “estilo conciso, rico, harmonioso, cheio de majestade e de dignidade”, que de modo especial consegue clareza e gravidade³;

3) seu caráter universal, imutável⁴, não vulgar;

4) seu papel de vínculo admirável da Igreja com o passado e o futuro.

Já muito antes dele, Cochem (1914, p. 42-3) tecia as seguintes considerações a respeito do uso do latim na liturgia católica:

Talvez pergunte alguém se não seria mais útil, para edificação e instrução dos fiéis, servir-se do vernáculo na celebração da Santa Missa, em vez do latim, que a maior parte dos fiéis não compreendem. Esta reflexão pode ser elucidada da forma seguinte: A Santa Missa não é um sermão e sim um sacrifício. O sacerdote não a celebra para instruir o povo, mas para oferecer em seu nome o Sacrifício do Novo Testamento.

É verdade que são precisas palavras para celebrá-lo, porém estas dirigem-se mais a Deus do que aos fiéis, e é por isso que a maior parte das orações são feitas em voz baixa. Além disso, para a participação dos fru-

³ Embora concordemos que o latim possui estilo conciso (é uma língua sintética), rico e harmonioso, e, portanto, seja dotado de clareza e gravidade, não nos parecem transparentes os elementos definidores de sua majestade e dignidade ou da nobreza de sua estrutura léxica. Majestade, dignidade e nobreza (ou não vulgaridade) são traços cientificamente insondáveis, pertencendo ao campo da subjetividade.

⁴ Afirma João XIII (1962): “É necessário que a Igreja utilize uma língua não só universal, mas também imutável. Se, de fato, a verdade da Igreja Católica fosse confiada a algumas ou a muitas das línguas modernas, sujeitas a uma contínua mudança, as quais nenhuma tem maior autoridade e prestígio sobre as outras, resultaria sem dúvida que, devido à sua variedade, não ficaria manifesto para muitos com suficiente precisão e clareza o sentido de tais verdades, nem, por outro lado, se disporia de alguma língua comum e estável, para confrontar o sentido das outras”. Discordamos, contudo, de sua opinião, visto que o latim, embora uma língua clássica, não escapa às naturais mudanças ao longo do tempo. Tanto assim que, mesmo o latim atualmente empregado por Bento XVI em seus documentos oficiais, difere do empregado por Bento XV, um século antes, em textos congêneres. Salvo melhor juízo, o caráter imutável do latim só será registrado na literatura clássica da Antiguidade ou nos textos da própria liturgia católica.

tos do divino Sacrifício não é necessário compreender as palavras do sacerdote; basta unir-se a suas intenções e invocar o auxílio de Deus nas necessidades; isso cada um pode fazê-lo em sua língua materna, porque *as palavras pouco importam a Deus*. Demais, muitos livros de piedade contêm a tradução das orações latinas da santa Missa.

A Igreja se serve da língua latina porque, no tempo dos apóstolos, era a língua falada em Roma, berço do cristianismo. Como só há um Deus, um Cristo, uma fé, um batismo, uma Igreja Católica romana e um único Sacrifício nesta Igreja, assim é também conveniente haver só uma língua para oferecer este Sacrifício. Esta unidade de língua é um símbolo da unidade da Igreja. Em virtude desta unidade de linguagem, o católico acha-se em toda e qualquer igreja católica como na igreja matriz da sua terra natal, porque, em todo e qualquer lugar onde a nossa Mãe, a Santa Igreja, reúne seus filhos em redor do altar do Sacrifício, ela lhes fala em uma só e mesma língua. (grifos nossos)

A despeito dessas considerações, podemos afirmar o seguinte: como instituição cristã exclusivista, ou seja, que admite uma única interpretação doutrinária verdadeira, **a Igreja é que precisa** (já que, conforme a citação acima, para Deus, as palavras pouco importam) **de um único idioma** para expressar sua visão de mundo e de fé; uma vez aí expressa de maneira unívoca, poderá a doutrina ser traduzida e explicada em vernáculo a crentes de todo o mundo.

É importante que muitas religiões ou as suas ramificações principais tenham uma língua que lhes é cara: o Judaísmo tem o hebraico; o Islã, o árabe; o Hinduísmo clássico (Bramanismo), o sânscrito. Em sua origem, o Budismo teve seus textos sagrados escritos em pali; posteriormente, foram traduzidos em caracteres chineses, lidos também por japoneses, coreanos e outros povos do sudeste asiático. As diversas nações do Candomblé têm diferentes idiomas litúrgicos (o iorubá entre os nagôs-quetos, o mina-jeje entre os jejes, o quimbundo ou o quicongo, entre os congos-angolas). Segundo Arenze (2006),

Seria superficial de nossa parte considerar esta tendência como algo de esotérico, estranho, fora de moda, antiquado ou medieval. Significaria ignorar um fino elemento da psicologia humana. Nas questões religiosas, as pessoas tendem a conservar aquilo que receberam das origens, o modo em que os seus predecessores articularam a própria religião e oraram. As palavras e as fórmulas usadas pelas primeiras gerações são caras àqueles que hoje às herdam.

Assim, com base na longa tradição historicamente estabelecida, nada mais natural à Igreja Católica que manter o latim como idioma oficial.

Em 2007, numa atitude interpretada por alguns como de um explícito conservadorismo, o papa Bento XVI publicou um *motu proprio* intitulado *Summorum Pontificum* (Dos maiores pontífices), aprovando o uso universal do missal do papa beato João XXIII (1962) com o rito tridentino, estabelecido pelo papa São Pio V. Segundo Silva (2009),

Ambos são veneráveis e importantíssimos dentro da tradição da Igreja: o antigo não é melhor que o novo por sua venerabilidade, nem o novo é superior ao antigo por seu ar mais simples e moderno; ambos são iguais em valor e dignidade. Da mesma forma, nenhum dos dois usos é totalmente em latim: a forma ordinária pode, sempre que o sacerdote desejar ou as necessidades pastorais pedirem, celebrar o rito em latim (conservando, por exemplo, a Liturgia da Palavra em vernáculo) e, na forma extraordinária, a Palavra de Deus e alguns cantos podem ser em língua corrente, como costuma ser a homilia.

Na prática, isto significa que a missa do antigo rito poderá (o que não significa sua obrigatoriedade em vernáculo ou em latim) ser celebrada livremente, pelos sacerdotes que o desejarem, sem necessidade de autorização de um bispo.

A nosso ver, a maior implicação do *motu proprio* de Bento XVI se refere à própria formação em língua latina do clero católico pelo mundo. Embora o Vaticano tenha uma seção de sua Secretaria de Estado para implementação do estudo latim nos seminários e Universidades Católicas, não se pode dizer que anda bem o domínio dessa língua pelos prelados católicos. Assim, por exemplo, em matéria divulgada no site www.cruiser.com.pt/giria/jornal, datada de 22/05/2002, lê-se:

O latim, a língua oficial da Igreja Católica, tem os dias contados, segundo um anúncio feito num congresso dedicado à língua dos césares e dos papas, em Roma:

"Já não há alunos que estudem seriamente o latim nos seminários e nas universidades eclesiais", declarou à AFP o salesiano Cletus Pavanetto, de 70 anos, presidente da Fundação Vaticana Latinitas, que celebrará meio século de vida ano que vem.

"O próprio Papa não está livre de cometer erros em latim", explicou. Durante o sínodo celebrado no outono passado, só o cardeal Janis Pujats,

arcebispo de Riga, fez sua intervenção em latim, comenta com amargura. E o Papa comentou sorrindo: *Paupera lingua latina, ultimum rifugium in Riga habet* (pobre língua latina, tem seu último refúgio em Riga).

"Infelizmente os puristas tiveram que lhe reprovar certos erros. Cícero teria dito melhor *Pauperis lingua latina, ultimum rifugium Rigae habet*", explicou.

Dáí a necessidade de investimento da Santa Sé numa sólida formação latina para os seus quadros de clérigos e de adeptos. Talvez atento a essa demanda da formação do clero, em setembro de 2009, Bento XVI fundou o Instituto Bom Pastor, com sede na diocese de Bordeaux e formado por cinco sacerdotes egressos da Fraternidade São Pio X, que tem o objetivo de criar paróquias especializadas na celebração do rito em latim. Não seria essa uma excelente oportunidade para nós, latinistas, realizarmos um trabalho, mesmo voluntário, de acessória às dioceses, paróquias e seminários católicos?

Para encerrar, chamamos a atenção para o fato de que, pelos mesmos motivos – o exotismo da língua e a pompa do evento e, ainda, a posição do padre em relação à audiência (de costas para ela) –, o retorno de celebrações católicas em língua latina tanto poderá aproximar fieis quanto afastá-los. Como é prematuro concluir qualquer coisa a respeito disto, isto ao futuro (ou a Deus) pertence.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCASTRO, Cid. *O revide do latim*. 2006. Disponível em: <www.catolicismo.com.br>. Acesso: 28/12/2009.

AQUINO, Felipe. *Sobre a autorização ampla da missa em latim*. 2007. Disponível em: <www.cleofas.com.br>. Acesso: 29/12/2009.

ARCZYŃSKA, Maria Thereza F. I. de Sulima. A presença do latim cristão na língua polonesa. *Revista Philologus*, 6(18)16-19. Rio de Janeiro: CiFEFiL, maio-ago./2000.

ARINZE, Francis, Cardeal. *Sobre o latim*. 2006. Disponível em: <www.recados.aarao.nom.br/artigo_ler.asp?id_artigo=1640>. Acesso em: 29/12/2009.

BALLARIN, Oswaldo. *As línguas divertem: uma visão não convencional*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1995.

- BARROS, Marcelo. *Deus e o latim*. 2007. Disponível em: <<http://alainet.org/active/18952&lang=es>>. Acesso em: 28/12/2009.
- BASSETTO, Bruno Fregni. *Elementos de filologia românica*. São Paulo: EDUSP, 2001.
- BETO, Frei. *Igreja Católica: de costas para o futuro*. 2007. Disponível em: <<http://macfly.multiply.com/journal/ítem/132>>. Acesso: 28/12/2009.
- CERQUEIRA, Daniel de; ARIADNE, Queila. Tradição do latim volta à Igreja em Belo Horizonte. *O tempo*, 24/07, 2007. Disponível em: <<http://angueth.blogspot.com/2007/07/tradio-do-latim-volta-igreja-em-belo.html>>. Acesso: 29/12/2009.
- CIMINO, James. Igreja tenta recuperar tradição com missas em latim. Folha Online. São Paulo: Folha da Manhã, 17/11/2006. Disponível em: <www.tempopresente.org>. Acesso: 28/12/2009.
- COCHEM, Martinho de. *Explicação da Santa Missa*. 2. ed. Bahia: Typographia São Francisco, 1914.
- ENCICLOPÉDIA MYTHOS. *Breve história do homem e da humanidade*. São Paulo: Mythos, 2009.
- LACERDA, Ciro Quintella. *Alguns motivos para o latim na missa*. 2009. Disponível em: <<http://dominusvobis.blogspot.com/2009/02/alguns-motivos-para-o-latim-na-missa.html>>. Acesso em: 28/12/2009.
- O latim tem os dias contados, como língua oficial da Igreja. Disponível em: <www.cruiser.com.br/giria/jornal.22.05.02htm>. Acesso: 23/12/2005.
- PARKER, Geoffrey. *Atlas da história do mundo*. 4. ed. São Paulo: Folha da Manhã, 1995.
- RAMOS, Ricardo Tupiniquim. *A contagem do tempo entre os antigos romanos e seu legado para a cultura ocidental*. 2001 [mimeo.]
- REIS, Washington. *O latim na liturgia*. 2009. Disponível em: <<http://br.groups.yahoo.com/group/cifefil/message/1156>>. Acesso em: 28/12/2009.

SCOTTI, R. A. *Basílica de São Pedro: esplendor e escândalo na construção da catedral do Vaticano*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

SILVA, Helenilson Pereira da. *Parabéns ao Papa Bento XVI por resgatar a missa em latim*. 2006. Disponível em: <www.montfort.org.br/index.php?secao=cartas&subsecao=doutrina&artigo=20061030184850>. Acesso: 28/12/2009.

SILVA, Michel Pagiossi. Movimento Litúrgico: diga não a “missa em latim”. 2009. Disponível em: <www.movimentoliturgico.com.br/Portal/index.php?option=com_content&view=article&id=72:diga-nao-a-missa-em-latim&catid=42:cat-artigos-liturgia&Itemid=53>. Acesso: 28/12/2009.

STÖRIG, Hans Joachim. *A aventura das línguas: uma viagem através da história dos idiomas do mundo*. 3. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1994.

TAGLIAVINI, Carlo. *Le origini delle lingue neolatine: introduzione alla filologia romanza*. 5. ed. Bologna: Riccardo Pátron, 1969.

TORNIELLI, Andrea. *Dossiê liturgia uma babel programada*. Disponível em: <www.montfort.org.br/index.php?secao=veritas&subsecao=religiao&artigo=babel-liturgica>. Acesso: 28/12/2009.

VISALI, Gayla (Ed.). *Depois de Jesus: o triunfo do cristianismo*. Rio de Janeiro: Reader's Digest Brasil, 1999.